

Final de ano é tempo de preparar ações para o próximo período, definir prioridades e planejar o futuro.

Em tempos de constantes mudanças, fruto de um ambiente dinâmico e globalizado, estamos vulneráveis à influência de acontecimentos que se passam em várias partes do mundo e em diferentes culturas. Para enfrentar tais desafios é importante que a liderança esteja atenta e preparada para tomar decisões que mantenham a capacidade das organizações atenderem às demandas e comunicarem a mensagem de esperança em Cristo Jesus.

Neste contexto, a gestão pedagógica de nossas igrejas é um fator estratégico que necessita de real atenção por toda a liderança eclesial a fim de que um projeto educacional seja desenvolvido e aplicado com excelência.

Trazemos, também, o primeiro artigo orientando sobre a atenção especial que devemos dar ao estatuto de nossas organizações a fim de atendermos ao marco legal que regulamenta as operações de nossas igrejas e organizações. Este sempre foi um tema estratégico, mas, neste tempo de mudanças e ajustes na estrutura social em que estamos inseridos, tornou-se mais importante ainda dar a devida atenção ao tema.

O planejamento financeiro e a forma como lidamos com o dinheiro impactam de maneira importante o dia a dia de nossas organizações. Conhecer mais sobre o tema é importante para uma liderança efetiva.

Outro assunto para o qual chamamos a atenção do leitor é o fenômeno das pessoas desigrejadas, grupo que tem crescido significativamente nos últimos anos. Que aspectos de nossa realidade estão ligados a esse fenômeno? Propomos uma reflexão sobre este tema.

Desejamos oferecer a você textos que sejam relevantes para o exercício de sua liderança eclesial. Para isso, sugestões de temas e contribuições com textos são muito bem-vindas. Que o Senhor nos abençoe e nos use para que nossas organizações exerçam uma influência relevante em nossa sociedade.

Boa leitura.

ISSN 1984-8684

Literatura Batista

Ano 49 • Nº 196

Administração Eclesiástica é uma revista preparada especialmente para a liderança da igreja – pastores, diáconos, seminaristas, educadores religiosos e diretoria – visando a um melhor desempenho de seu ministério nas diferentes áreas de atuação

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333
CEP: 20270-972 – Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d’Almeida
(RP/16897)

Redação

Davidson Pereira de Freitas

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1º Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
falecom@convicaoeditora.com.br



A igreja dos desigrejados



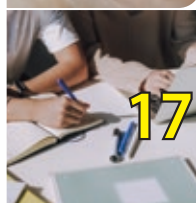
As dez teorias da liderança de maior sucesso



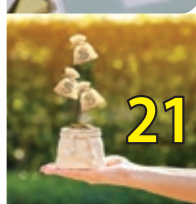
Cargos ou cargas?



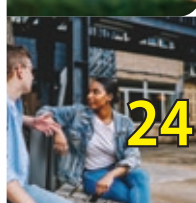
Razões pelas quais o estatuto da sua igreja precisa ser atualizado



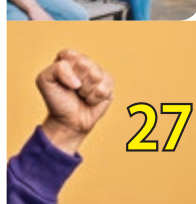
A gestão pedagógica na igreja
Como ampliar o alcance da educação cristã na igreja local



Organização financeira
O princípio e a base para finanças pessoais



Poder e influência nos relacionamentos
Cinco dicas fundamentais



Abuso do poder religioso eleitoral
Fato ou mito?



A igreja dos desigrejados

Desigrejados é um neologismo para se referir àquelas pessoas que abandonaram a igreja, não frequentam mais os cultos, embora não se definam como sem religião, movimento que vem acontecendo cada vez com mais frequência. “Jesus, sim; igreja, não” é o lema associado a eles.

A esse grupo se juntam outros que buscam grupos de comunhão, mas recusam as estruturas e autoridades eclesiais, associando a elas os escândalos, desvios de conduta e práticas inadequadas de lideranças, estabelecendo modelos de relacionamento e compartilhamento horizontais, sem as hierarquias formais.

Não se trata propriamente de uma novidade. Em maior ou menor escala, sempre houve movimentos dessa natureza. Hebreus 10.25 já se referia àqueles que abandonavam as suas congregações. São diversas as razões que conduzem a esse tipo de comportamento.

Millennials e fé

O termo millennials, também identificados como geração Y, se refere à geração nascida a partir do início dos anos 80 até o final do século. É a geração da Internet, de um tempo em que a tecnologia tem avançado a paços largos, estabelecendo uma nova realidade virtual, como espaço de relacionamentos e facilidades no acesso à informação.

A velocidade com que tudo tem acontecido tem levado a uma mudança de percepção nos valores com que essa geração vê e experimenta a fé e as práticas e verdades do cristianismo, de acordo com um estudo realizado pela Universidade Cristã do Arizona, em que afirmam que essa geração está provocando uma redefinição no papel da fé na realidade americana.

Busco essa reflexão para a realidade da igreja no Brasil e suas implicações como o grupo de fé que re-



Alberto Stassen

Pastor, administrador, consultor e gestor de ministérios.

presenta os “nãos” – não sabem, não se importam ou não acreditam que Deus existe – ainda que continuem frequentando igrejas e denominando-se cristãos.

Segundo o estudo, alguns pontos na sua visão de mundo se destacam:

- As crenças e experiências religiosas têm muito menos influência em suas escolhas do que nas gerações anteriores;
- Os fundamentos bíblicos e definições do cristianismo são rejeitados pela maioria dessa geração mais jovem;
- A despeito da diminuição dessa crença num Deus soberano, o ateísmo não tem crescido entre eles;
- A importância das atividades desenvolvidas com base nas igrejas tem muito menos importância na vida deles.

51 % dos entrevistados se referem a Jesus Cristo de forma altamente positiva e 41 % consideram a Bíblia positivamente. No entanto, somente 4 % dos entrevistados aplicam uma visão bíblica na sua percepção de mundo. Entre os adultos, essa visão de mundo só é experimentada por 6 % dos entrevistados, embora 69 % se apresentem como cristãos.

Dos pontos citados, um deles se tornou mais perceptível para todos, que é a redução da frequência aos cultos e celebrações nas igrejas, especialmente para aqueles modelos litúrgicos mais tradicionais, em que a formalidade é um traço forte.

O secularismo

Refletindo esse distanciamento que se espelha nos mais jovens, o inventário de 2022 refletindo as respostas sobre igreja e visão de mundo, aponta que 52 % dos entrevistados rejeitam uma verdade moral absoluta, 61 % não leem a Bíblia diariamente e 75 % consideram as pessoas como sendo basicamente boas e que isso é suficiente para irem para o céu.

Entre aqueles grupos que se definem como protestantes, 60 % questionam suas práticas por entrarem em conflito com os ensinamentos bíblicos. Para eles, a verdade e a moralidade são relativas, a vida não tem um valor ou propósito e as práticas religiosas não são mais essenciais para sua fé cristã.

Quando se olha esse quadro ao longo do tempo, a situação assume contornos ainda mais preocupantes.

As pessoas que acreditavam na existência de Deus como todo poderoso criador do universo que ainda governa o mundo hoje representavam 86 % em 1991 e são 46 % atualmente.

As que criam na Bíblia como totalmente verdadeira e Palavra de Deus na qual se pode confiar, representavam 76 % em 1991 e somente 41 % hoje.

Quando consideramos o nosso contexto, qual será o reflexo das celebrações de caráter mais hedonísticas e antropocêntricas que vêm sendo adotadas como modelos de contextualização? Até que ponto as mensagens de autoajuda e bem-estar que são pregadas, sempre visando fazer com que ninguém se sinta mal com algumas verdades bíblicas, estão expulsando Deus da vida diária das pessoas? Ou será que as pessoas estão se tornando melhores por serem menos estimuladas a lerem a Bíblia diariamente?

Essa mudança de paradigmas se dá ainda que tenha havido um forte crescimento da população evangélica e protestante no Brasil. O número de protestantes cresceu de 26 milhões de pessoas (15 % da população) em 2000 para cerca de 42 milhões (22 %) em 2010 e o pentecostalismo passou de 6 % da população para 13 % no mesmo período.

Reflexos da pandemia

Nesse cenário de distanciamento das estruturas formais da igreja e de questionamentos sobre alguns ensinamentos bíblicos, no nosso contexto, acrescentou-se um período de distanciamento provocado pela crise sanitária, forçando a mudança de hábitos e escancarando a formalidade de alguns relacionamentos entre igreja e seus membros.

A falta de contato, mesmo que por uma mensagem ou ligação telefônica, reforçou a percepção de falta de importância para muitas pessoas, que não se sentiram valorizadas. Seria essa uma das motivações para que um número ainda não avaliado, mas perceptivelmente grande de pessoas tenham decidido não retornar às celebrações comunitárias?

Mais uma vez, é preciso lembrar que esse afastamento não é um fenômeno novo. De acordo com dados da Pesquisa de Orçamento Familiar divulgado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – de 2011, o número de pessoas que se diziam evangélicos, mas que não mantinham vínculo com nenhuma instituição saltara de 0,7 % para 2,9 % entre 2006 e 2009 – representando um crescimento de mais de quatro milhões de pessoas nessa categoria.

O crescimento das pessoas com acesso à Internet pode contribuir com esse fenômeno, aliado à quantidade de novas opções de participação on-line em cultos realizados por igrejas com os mais diversos perfis litúrgicos – dos mais tradicionais aos grupos neopentecostais.

Mas, outros fatores contribuem para isso.

Lideranças questionadas

Sob o aspecto religioso, a autoridade que o pastor, ou o padre entre os católicos, tinha sobre a vida das pessoas, passou a ter cada vez menos relevância. E isso não reflete somente os casos de pessoas envolvidas com escândalos, imoralidade ou práticas que confrontam a moralidade e a ética bíblica.

O fenômeno da Internet catapultou à posição de influenciadores, atores, músicos, comediantes, “gurus” de diversas áreas, que possuem milhares e milhões de seguidores de todos os públicos, que propagam suas visões de mundo, sem nenhum vínculo com qualquer tipo de orientação religiosa.

Esse aspecto levanta a questão de como as igrejas e suas lideranças utilizam os meios de comunicação para se comunicarem com seus fiéis.

A dinâmica dos meios de comunicação tem feito com que milhares de “ilustres desconhecidos” de um dia para o outro se comuniquem com multidões, ao passo que muitos pastores e líderes continuam menosprezando a necessidade de preparo para se comunicarem de maneira eficaz e direta com as pessoas.

Assim como as práticas e experiências anteriores têm perdido sua força de influência, líderes de outrora, hoje, não representam mais do que meras lembranças a círculos limitados de interessados.

A autoridade com que associavam a reflexão sóbria e profunda do texto bíblico era corroborada por uma vida de piedade e santidade, sem espaços para questionamentos sobre posições políticas ou de outros aspectos que não tivessem respaldo na ética e moralidade bíblica.

A pretexto de contextualização, hoje, há mensagens que poderiam sair dos discursos de qualquer guru de alto ajuda. Se esse é o padrão, a Internet produz shows muito melhores elaborados artisticamente, com qualidade de som e imagem e o conforto do sofá de casa.

De assento em assento

Um outro fator apontado como marcante entre esses desigrejados é a troca de crenças ou grupos religiosos. A professora Sandra Duarte de Souza aponta em seu trabalho de pós-doutorado que 53 % das pessoas pesquisadas já haviam participado de outros grupos religiosos.

Seja por experimentação ou por insatisfação, a tendência de mudança sinaliza um menor comprometimento com os princípios e valores e a falta de pertencimento a um determinado grupo. Isso não está relacionado ao tamanho dessas igrejas ou comunidades, pois embora não tenhamos localizado estudos que indiquem o tamanho médio das congregações evangélicas ou protestantes, é relativamente pequeno o número daquelas que listam mais de mil membros em relação ao total.

Como resposta a essa falta de pertencimento, o modelo de igrejas em células ou pequenos grupos começou a se espalhar como uma estratégia de crescimento e inclusão dessas pessoas que se sentiam isoladas ou abandonadas, buscando reverter esse sentimento.

Mas, a falta de compreensão de como adotar esse modelo se reflete na frustração de pastores e líderes



que, da mesma forma, não conseguem definir se conduzem suas congregações para serem uma igreja em células ou uma igreja com células.

Um outro fator apontado para o abandono das pessoas aos grupos aos quais pertenciam é uma tendência das pessoas se engajarem em causas ou propósitos altruístas. Quando se estabelecem propósitos e uma missão clara para as pessoas, o envolvimento pessoal e financeiro, inclusive, é maior.

A fé precisa ser exercitada por meio de ações que expressem seus princípios e valores. Falar de amor sem demonstrar isso por meio do acolhimento e cuidado com as outras pessoas, torna o discurso vazio e sem autoridade. As pessoas sentem necessidade de ver com o que estão se comprometendo, além dos discursos.

Existe uma necessidade de que a fé exercida no Deus eterno cada vez mais se traduza no compromisso com uma realidade que se impõe pela falta de barreiras e limites geográficos, defasados pela realidade virtual em que vem se convertendo o dia a dia das pessoas, conectadas pela Internet em todo o mundo.

Essa nova compreensão torna os pequenos grupos fundamentais para reforçar o sentido de pertencimento e de que suas vozes e anseios são ouvidos, de que suas necessidades não passam despercebidas por aqueles com quem dividem suas esperanças e angústias, de que possuem um propósito e senso de realização.

Será possível conter ou diminuir esse movimento de “desigrejamento” ou começamos a sentir com mais intensidade aquilo que se verifica na Europa e países tradicionalmente cristãos em que antigos templos são hoje museus, shoppings e discotecas?

Conclusão

Como espaço aberto para discussão da igreja e seu papel na vida das pessoas que se congregam, não há uma resposta única e que preencha todos os campos, como numa questão de múltiplas escolhas.

Mas, há uma reflexão presente sobre o papel que as lideranças exercem e sua capacidade de se comunicar com esses membros, ou ovelhas para aqueles que exercem o ministério pastoral, na sua essência. A necessidade de capacitação para entender como funcionam os meios de comunicação e sua capacidade de fornecer novas visões e interpretações do mundo moderno em contraposição aos princípios bíblicos e valores do cristianismo está posta.

A revisão do modelo e papel da igreja como comunidade de fé e espaço de encontro e realização de sua missão e propósitos dentro dos parâmetros da atualidade, que reforcem o sentido de pertencimento e de

comprometimento daqueles que escolhem fazer parte desse corpo, precisa ser buscado em caráter de urgência.

Esse é o propósito de Hebreus 10.24: “E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras”, visando evitar o movimento daqueles que deixam a congregação.

Referências

Indifference to God, Jesus and the Bible Drives Millennials' Faith. Disponível em https://www.arizonachristian.edu/wp-content/uploads/2021/12/CRC_Millennial_Report03_Digital_01_20211207.pdf. Acessado em 20/06/2022

Release #6: What Does It Mean When People Say They Are “Christian”? Disponível em https://www.arizonachristian.edu/wp-content/uploads/2021/08/CRC_AWVI2021_Release06_Digital_01_20210831.pdf. Acessado em 20/06/2022.

American Christians are Redefining the Faith: Adherents Creating New Worldviews Loosely Tied to Biblical Teaching. Disponível em https://www.arizonachristian.edu/wp-content/uploads/2020/10/CRC_AWVI2020_Release11_Digital_04_20201006.pdf. Acessado em 20/06/2022.

Fé sem templo: o que afasta os cristãos das igrejas? Disponível em <https://comunhao.com.br/fe-sem-templo-desigrejados/> Acessado em 18/06/2022.

Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1508201102.htm> Acessado em 15/06/2022

O novo retrato da fé no Brasil. Disponível em https://istoe.com.br/152980_O+NOVO+RETRATO+DA+FE+NO+BRASIL/ Acessado em 20/06/2022

Brazil's Changing Religious Landscape. Disponível em <https://www.pewresearch.org/religion/2013/07/18/brazils-changing-religious-landscape/> Acessado em 20/06/2022.

Religious landscape in Brazil: Comparing different representative nationwide approaches to obtain sensitive information in healthcare research Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352827318301447>. Acessado em 20/06/2022.

Cinco fatores que trouxeram vida a uma igreja que estava morrendo. Disponível em <https://ministeriofiel.com.br/artigos/5-fatores-que-trouxeram-vida-a-uma-igreja-que-estava-morrendo/> Acessado em 19/06/2022.

Souza, Sandra D. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. Horizonte: Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 21-29, dez. 2006



As dez teorias da liderança de maior sucesso

Neste post, descrevo resumidamente e em ordem cronológica as principais correntes de liderança espalhadas pelo mundo.

Numa obra clássica publicada em 1978 com o título *Leadership*, James MacGregor Burns, escreveu algo que até hoje pessoas que trabalham com desenvolvimento de líderes costumam repetir: “A liderança é um dos fenômenos mais observados e menos compreendidos da terra”.

Por conseguinte, não causa espanto o fato de que dez diferentes teorias de liderança tenham surgido ao longo das últimas décadas. Neste post, vou descrevê-las resumidamente e em ordem cronológica, da mais antiga para a mais recente:

1) Teoria do Grande Homem – Defende que o líder nasce feito e, portanto, o nosso único esforço deve ser localizar essas pessoas dotadas de “bom material”. O problema é que nenhum de seus defensores conseguiu explicar por que esses líderes natos só demonstram grandeza em alguns momentos, sendo bastante parecidos com os demais indivíduos na maior parte das suas vidas.

2) Teoria dos traços – Derivada da teoria do Grande Homem, compreende que os líderes se diferenciam por seus traços ou atributos, como integridade e coragem. Entretanto, todos sabemos na prática que um técnico de futebol, um general do exército e uma professora do ensino fundamental precisam de diferentes habilidades para realizar seu trabalho.



Wellington Moreira

Palestrante e consultor empresarial, especialista em Formação de lideranças, Desenvolvimento gerencial e Gestão estratégica, também é professor universitário em cursos de pós-graduação. Mestre em Administração de Empresas, possui MBA em Gestão Estratégica de Pessoas e é autor dos livros “Líder tático” e “O gerente intermediário”, ambos publicados pela Editora Qualitymark.

3) Teoria psicanalítica – Acredita que a experiência da infância e a dinâmica familiar determinam o comportamento da liderança. Enquanto alguns líderes procuram imitar o pai marcante, outros buscam a grandeza para compensar o pai ausente. Contudo, estudos mais aprofundados mostraram que a relação pai-filho construída no passado nem sempre explica o sucesso dos líderes em sua vida adulta.

4) Teoria do líder carismático – Fundamentada em Freud, defende que a conexão emocional entre o líder e seus seguidores é a base de tudo. A sua inconsistência reside no fato de que, algumas pessoas, apesar de não serem carismáticas, conseguem executar bem seu papel de liderança em diferentes contextos.

5) Teoria comportamental – Muito difundida até hoje, essa teoria ainda está por detrás de matérias jornalistas do tipo “*As 5 coisas que todo líder de sucesso realiza diariamente*”. O problema é que aquilo que cai como uma luva para um determinado cargo de gestão ou tipo de negócio pode ser totalmente inadequado em outro.

6) Teoria situacional – Nascida na década de 60 e baseada no pressuposto de que o modelo ideal de liderança depende da situação, continua fazendo sentido nas organizações. É por isso que em tempos de calma as empresas preferem líderes diferentes daqueles que, em regra, são contratados quando precisam de um choque de gestão.

7) Teoria contingencial – Decorrente da abordagem situacional, sustenta que três fatores são de-

cisivos na hora de se decidir que modelo de liderança funciona para uma determinada tarefa: o vínculo entre o líder e seus seguidores, a natureza da tarefa a ser cumprida (se é rotineira e estruturada ou vaga e mal definida) e quanto poder o líder tem sobre os subordinados. Também ainda em voga.

8) Teoria da liderança transformacional – Contrapõe o velho estilo de liderança “*manda-quem-pode-e-obedece-quem-tem-juízo*” a um modelo mais visionário e inspirador. Ou seja, trata daquilo que a maior parte das pessoas têm em mente quando descreve o líder ideal que gostariam de encontrar em seu trabalho e demais esferas da vida. Em algum momento da sua vida, já foi influenciado por essa teoria.

9) Teoria da liderança distribuída – Trata-se daquela abordagem que sugere que a liderança não deve ficar concentrada em apenas uma pessoa, sendo fluida e distribuída entre diferentes colaboradores. Portanto, coerente com a ideia romântica da “*empresa sem chefe*” e, de modo mais real, próxima àquilo que encontramos em empresas de tecnologia que adotam estruturas horizontais.

10) Teoria da liderança servidora – Estilo de liderança que prega a humildade, a empatia e o comportamento ético dos líderes em contraponto ao egoísmo, ganância e exploração que muitos executivos praticam em suas empresas. Tendo em Jesus Cristo seu modelo maior, parece que essa filosofia ainda tem bastante espaço para crescer ao longo dos próximos anos.

